

REVISTA DE AGRICULTURA

Cx. Postal 60
13400 Piracicaba
Est. de S. Paulo-Brasil

Diretores

Prof. Dr. S. de Toledo Piza Jr.
Prof. Dr. F. Pimentel Gomes

Secretário

Prof. Dr. Luiz Gonzaga E. Lordello

VOL. 61

JUNHO/86

Nº 1

Prof. Dr. BENEDICTO ABÍLIO MONTEIRO SOARES

In memoriam de um dos maiores zóólogos do Brasil, filho espiritual da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" e ex-integrante de seu corpo docente, falecido em dezembro de 1985.

PROFESSOR BENEDITO MONTEIRO SOARES¹S. de Toledo Piza Jr²

Professor Soares, Professor Benedito, Dr. Benedito e Beneditinho na intimidade. Assim era conhecido o gran de mestre da Zoologia, que acabamos de perder.

Diplomado pela "Luiz de Queiroz", assistente da cadeira de Zoologia dessa Estola. Professor Catedrático na Escola Nacional de Agronomia e, por último, professor na Faculdade de Botucatu.

Falou, em plena atividade, no mês de dezembro, do ano de 1985.

Um caráter, uma inteligência, uma bondade, uma sabedoria e uma modestia, virtudes dificilmente encontra das numa só pessoa. Deus, no mais puro significado que lhe empresta a Theudicéia, foi pródigo demais com essa Criatura. Conferiu-lhe todos os dons humanos, no mais alto grau em que esses dons podem ser expressos.

Benedito era de grande estatura. Mas, quando se fa lava com êle, êle descia ao tamanho do interlocutor. Era enorme ao discutir teses científicas com professores; tor nava-se quase um menino ao conversar com um jovem. Eis porque era tão respeitado no terreno das ciências e tão acatado, no meio estudantil. A sua palavra macia, era firme como a rocha. Daí, o grande bem-querer que os alu nos lhe dedicavam. Justiceiro, ao dar uma nota baixa, ficava tão emocionado, que quase não o conseguia.

Entrou para a cadeira de Zoologia e logo se afeiçoou pelo estudo de Aracnologia, campo em que trabalhava o chefe da cadeira. Ao lado deste procurou assenhorar-se de todos os conhecimentos e logo alcançou o "mestre" e o ultrapassou. Ficou mesmo com absoluto domínio da matéria, passando a ser por todos considerado como a

¹ Texto transcrito de artigos publicados no Jornal de Piraicaba nos dias 17, 23 e 25 de janeiro de 1986.

maior autoridade no assunto. Reviu o material estudado por Mello-Leitão e por mim, pondo ordem na desordem. Estudou com especial carinho a ordem Opiliones, chegando a a ser o nosso maior conhecedor desse grupo. Quase sempre acompanhado da sua esposa, D. Hélia, publicou inúmeros trabalhos, magnificamente ilustrados pela pena artística de sua colaboradora.

Estas palavras foram escritas com lágrimas nos olhos. Falou apenas o coração. Quando, porém, a biografia desse ilustre mestre da Zoologia Brasileira for escrita por alguém, estou certo virá à luz uma série de eventos ligados à personalidade desse grande professor, que bem revelarão a extrema bondade e o profundo saber de tão agigantado vulto das nossas ciências naturais.

Lia o latim e meditava sobre os filósofos. Desde a primeira aula que ouviu sobre a evolução das espécies, abraçou fervorosamente essa doutrina. Não divergia de mim, num pormenor sequer. Não era como muitos, que aceitavam tudo, menos que o homem tivesse se originado de macaco. O Professor Soares sentia em si e lia na humanidade, a verdade dessa teoria. A evolução parecia-lhe tão clara, que achava supérfluo buscar outra explicação: no entanto, Benedito sentia, no âmago das coisas, algo que não compreendia e que não podia explicar.

É aqui que ponho Deus! Mas, esse Deus que ninguém entende e que jamais será explicado é como se não existisse. Os que têm fé permanecem abraçados a este mistério. Aliás, o grande mistério, o mistério dos mistérios! Os mentalmente equilibrados e que pensam livremente, abrem duma vez mão da idéia de um Deus que não se pode pelo menos compreender.

Inúmeras vezes promoveu conferências minhas em Botucatu e as fazia preceder de elogiosa propaganda.

Convidou-me para escrever o capítulo sobre filogenia dos artrópodes, no livro que preparava sobre Aracnídeos.

Embora partilhasse de todos os meus conceitos filosófico-científicos sobre a evolução, conservava, ainda, lá no fundinho, um ponto de dúvida. Não conseguia eliminar da mente a idéia da sobrevivência do indivíduo humano. A pessoa humana deveria subsistir na substância que

Uma molécula marcada no seu organismo será encontrada em qualquer corpo depois da sua morte. Aquela molécula, onde quer que esteja, será sempre a molécula que foi sua, marcada no seu corpo!

De pleno acordo. Porém, quando a molécula se desintegra, é aí que ela passa a integrar a natureza. Átomos, partículas atômicas, passam pelo organismo da gente mas não chegam a ser da gente. São elementos universais, que, onde quer que estejam, conservam o seu caráter de universalidade. Por isso, não é possível, falar em átomo de gente, de cavalo, de gato ou de minhoca. Os seres vivos podem permutar átomos sem que consigam imprimir a sua individualidade a qualquer deles.

Por isso, jamais será encontrado na natureza, um átomo que possa ser referido como tendo sido desta ou daquela pessoa.

Foi aí, nesse pontinho, que o Prof. Soares divergiu de mim. Ele, talvez por influência religiosa ou de amigos, não conseguiu aceitar, de coração pleno e aberto, a etapa final da anulação da personalidade.

Talvez, por essa mesma razão, houvesse ele se envolvido com o Espiritismo. É verdade que ele possuía alguns dons para-normais, que foram analisados por pessoas espíritas, a mais das vezes, sem a devida competência. Por isso, ele ficava meio assustado, quando entrava em transe e as suas mãos escreviam coisas que a sua mente não ditava. Entretanto a subconsciência que operava nessas circunstâncias era a sua própria consciência adormecida em seu cérebro.

"Não é alma do outro mundo que aciona os meus dedos. Disso tenho a mais plena certeza". E tinha.

Morreu o Prof. Benedito Monteiro Soares um pouco antes de alcançar a idade provecta, quando a mente se abre para a análise de problemas antes impedida, pelo vigor dos hormônios e feromônios que mantêm o ser humano na trilha da animalidade.

Ignorava eu, tivesse o Prof. Soares, interesses outros que não os relacionados com os estudos e com as funções magisteriais. Parecia não gostar de brinquedos, passeios, jogos, esportes, bailes. Nada lhe interessava, a lêm de livros, aranhas, insetos. tudo enfim que não ti-

fiquei deveras surpreso ao deparar, certa vez, na Sala dos Insetos, com o Professor Benedito, ainda muito jovem, tirando lâ do alto de um velho armário, uma gaveta de borboletas, cujo conteúdo ia mostrando a uma formosa donzela. Era uma jovem loira e bonita, sorridente e simpática, bem mais alta do que ele.

"Minha noiva, disse ele, num largo e jovial sorriso".

Nunca imaginei pudesse uma moça tão alta ser assim tão meiga e tão mimosa! Não fosse ela ter-se curvado sobre mim e jamais haveria eu de beijar face tão delicada e bela!

Esse casal tornou-se muito amigo meu.

Como se sabe, não costumo emprestar livro de minha biblioteca a quem quer que seja. Costumo dizer, nem para o papa. Entretanto, é claro, se o papa algum dia o desejar, será com muita honra que lhe dedicarei o livro mais caro de minha coleção.

Para o casal Soares, porém, abri uma única exceção. Pudera! Eles vinham do Rio de Janeiro trazendo uma pasta especial e papéis próprios para embrulhar o livro. Empacotavam-no cuidadosamente, punham-no na pasta e marido e mulher, com o maior desvelo, carregavam o meu querido Roewer, pelo mundo, que lâ ficava, por muitos dias, longe de mim.

Amigo dos professores da "Luiz de Queiroz", estava sempre pronto para aplaudir com palmas ou com palavras aqueles que elogiassem o corpo docente da ESALQ.

Agora, um ponto, talvez o mais delicado, da personalidade do grande mestre falecido. O Professor Benedito Soares era crente. Aceitava Deus tal como o definem os teólogos. Como algo imaterial, inextenso, incorpóreo, simples e eterno. Esse Deus, como é natural, não se entende como os homens. Não ouve, não fala, não responde. Por conseguinte, não pode atender a nossas preces.

A alma, para o Professor, era inerente à matéria. Não sabia imaginar, um pedacinho que fosse da matéria, que não tivesse a sua alma. Sempre entendeu a alma como uma coisa inatingível pelos instrumentos físicos e portanto indivisível. Onde quer que esteja, estará inteira. "Anima tota est in corpore toto, tota in qualibet corporis parte".

gica, deixou em dificuldade o conferencista do Rio, que falava em Piracicaba, quando um dos ouvintes, ao ser chamado à discussão, perguntou-lhe:

"Se a alma não se divide, conforme o Sr. disse e muito bem, de que lado passa ela quando a guilhotina desanda na nuca do condenado? Vai com a cabeça que rola do patíbulo ou fica com o corpo que se esvai em sangue?"

Depois de meditar por alguns segundos, o padre não encontrou saída para aquela difícil situação. O mesmo se deu com um catedrático da "Luiz de Queiroz", proeminente chefe espírita em Piracicaba, quando, discutindo com um colega, este indagou: Se inesperada e bruscamente puxar a minha faca e decepar-lhe um braço, ficando com este em minha mão, pergunto-lhe: a alma do braço vem com este ou fica pendente do tronco?

O Professor da USP, assás espírituosamente, respondeu: "O braço vai sem alma, porque quando o Sr. puxar o facão a alma encolhe o braço... (sic)"

O Prof. Soares jamais faria semelhante papel. Conhecendo profundo do significado biológico daquele enunciado filosófico, saberia que a alma estaria inteirinha na mais íntima parte do corpo. E por essa razão, um pedacinho do tentáculo de uma hidra regenera o corpo todo.